

Lula condiciona candidatura a alianças

*Para petista,
partido também
deve buscar apoio
fora das esquerdas*

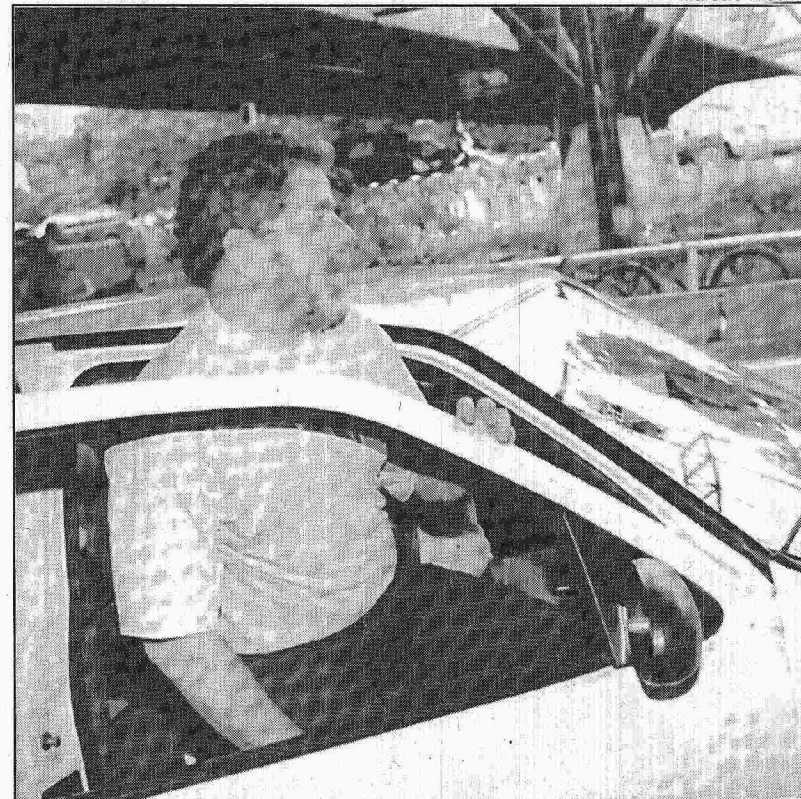
VERA ROSA

Se até dezembro o PT não conseguir fechar a aliança nacional e as coligações estaduais com o PSB, PDT e PC do B, o petista Luiz Inácio Lula da Silva não disputará a Presidência, em 1998. "Há muito tempo tenho dito que é preciso costurar essa aliança e, se possível, ampliá-la além da esquerda para que eu possa ser candidato", disse Lula ao desembarcar ontem, em São Paulo, depois de oito dias na Itália, entre Bolonha e Roma. "Caso isso não aconteça, prefiro trabalhar para outro candidato do PT."

Lula não quis dizer qual seria o nome de sua preferência. Colocou na mesma lista os ex-prefeitos de Porto Alegre Tarso Genro e Olívio Dutra — pré-candidatos do PT ao governo do Rio Grande do Sul —, o governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, o senador Eduardo Suplicy e o deputado José Genoíno, ambos de São Paulo. "São figuras que precisam andar o Brasil para que a gente possa ter mais opções no momento de escolher, até para 1998", observou. "Estamos precisando de novas lideranças a nível nacional."

A cúpula do PT vai se reunir na segunda-feira para discutir as eleições. Dirigentes do partido e parlamentares alegam que o vácuo de Lula está dificultando os acordos com as outras legendas e, por isso, pretendem cobrar dele uma definição mais rápida. "Não se trata de indecisão", sustentou Lula, demonstrando que não aceitará pressões. "Até entendendo a preocupação do presidente do PT (*José Dirceu*), mas acho que há tempo para escolher o candidato."

Ele não pretende nem ir à reunião de segunda-feira, dia em



Marcelo Hide/AE

Lula chega a São Paulo: Tarso Genro e Suplicy como opções



**LÍDER AVISA
QUE NÃO
ACEITARÁ
PRESSÃO**

que completará 52 anos. "Fica mais fácil pressionar sem a minha presença", brincou, lembrando que o encontro extraordinário para definir o candidato ao Planalto está marcado para dezembro.

Estratégia — Bem-humorado, Lula confessou que adotou como estratégia "falar o

menos possível" até o encontro de dezembro, para evitar especulações. O que ele quer é aguardar um pouco mais para observar se ainda há chance de construir uma frente de centro-esquerda, com apoio de dissidentes do PMDB e do PSDB. Mas deixou claro que se a eleição fosse hoje, não entraria na disputa.

"Ainda temos de resolver os problemas de coligação no Rio, em Pernambuco, Alagoas, São Paulo, Paraná e outros Estados", argumentou. "O PT aprovou, há quase dois meses, a política de alianças, mas, entre aprovar e concretizar na prática, vai uma diferença muito grande."

Depois de tirar fotos ao lado de eleitores do PT, no Aeroporto de Cumbica, Lula tentou amenizar a notícia de que o PSB está de olho no ex-presidente do Supremo Tribunal Federal Sepúlveda Pertence para liderar uma chapa ao Planalto. "Estamos numa fase em que todo mundo lança todo mundo, mas não se inventa candidato", disse.

Nova viagem — Antes de comunicar sua decisão ao PT, Lula vai cumprir dois roteiros: na segunda-feira à noite viaja para Berlim, na Alemanha, a convite da Fundação Friedrich Ebert. Tem encontro marcado com dirigentes do Partido Social-Democrata alemão (SPD) e de movimentos sindicais. Volta no dia 2 de novembro e na semana de 3 a 12 pretende viajar por algumas capitais numa caravana contra o desemprego.

Por enquanto, Lula não quer comentar a possibilidade de o presidente do PDT, Leonel Brizola, ser vice numa chapa com seu nome. A amigos, já confidenciou que, se for candidato, gostaria de outra dobradinha. "Temos de ampliar a aliança com personalidades do mundo intelectual e empresarial para que a gente possa levantar."